

Contra o Capitalismo - de Esquerda a Esquerda. A Ideologia Alemã de Marx e o Catecismo Revolucionário de Bakunin.

Graduando: Vitor Reis de Melo.

Resumo:

Vamos estudar os dois tipos de ideologia, que são contrárias ao capitalismo, o anarquista Bakunin e o socialista Marx, e a crítica ao comportamento de algumas minorias dominadoras durante a expansão capitalista que tomam o poder se valendo de um modo de produção escravista e dominador. Surgi neste cenário, Mikhail Bakunin idealizava uma “Sociedade de Igualdade total”. O fim das Classes Sociais, que em fim só separa o homem do próprio homem. E as outras vinham como quer por efeito cascata. Os privilégios de sangue medievo, indiscutivelmente, não existiriam no Mundo Sociedade Internacional Revolucionária. Acresce-se o Sufrágio Universal dentre os Direitos Políticos. A “Sociedade Internacional Revolucionária” dava apoio, ao Indivíduo no seu início de carreira. Entretanto, dar-se-lhe-ia a Liberdade na escolha profissional, e quando completava a maior idade, o “Estado” jamais teria poder ou influência sobre ele. Mas, simplesmente, defender de riscos, perigos, ataques físicos ou morais, A Liberdade. Era impreterivelmente, proibido Discursos Antiliberais. Por outro lado temos, A Ideologia Alemã de Karl Marx é uma crítica irônica e ferrenha, que chega ponto de chamar os discípulos de Hegel de “São Bruno” e “São Marx Stiner”, ao extremo a Ideologia Idealista Hegeliana, ou seja, de base intelectual, mental e psicológica bem mais próximo do Metafísico, do que o prático que e Extrema Esquerda Socialista espera (A Esquerda Hegeliana após a morte de Hegel em 1831 vira uma espécie de Ideologia Oficial Alemã. A essência era o Estado Moderno encarnava as Ideias Morais da Razão no âmbito social. Teoria apoiada pelo Estado Prussiano). Segundo ele, Na Sociedade Marxista-Comunista o indivíduo tem o direito de qualificação em qualquer campo, segundo o despertar do seu interesse. Na Sociedade Capitalista industrial o homem está preso a fazer o que os Patrões querem, da maneira que eles desejam, sem muitas vezes poder expor suas opiniões sobre o trabalho. Assim, o Capitalismo destrói a identidade do homem, a principal capacidade, a maior das Liberdades. O Direito de Pensar. Vamos apresentar o choque entre estas duas ideologias, que possuem as suas diferenças culturais e políticas, em visões teóricas, filosóficas e práticas. Feitas por estas duas figuras históricas, dentro de um contexto de sua época. Para encerrar confrontamos as duas Esquerdas.

Resume:

We will study the two types of ideology that are contrary to capitalism, the anarchist Bakunin and the socialist Marx and the criticism of the behavior of some dominant minorities during the capitalist expansion that take power taking advantage of a way of slavery and dominating production. Surgi this scenario, Mikhail Bakunin envisioned a "full equality society". The end of the Social Classes, which in the end only separates man from man himself. And the other came as either a ripple effect. The medieval blood privileges arguably would not exist in the World International Society Revolutionary. In addition to the universal suffrage from the Political Rights. The "International Society Revolutionary" gave support to guy in his early career. However, give yourself you would Freedom vocational choice, and when completed the full age, the "State" would never have power or influence over it. But simply defending risks, dangers, physical or moral attacks, Freedom. It was the latest, forbidden Speeches illiberal. On the other hand we have, The German Ideology Karl Marx is an ironic and fierce criticism, which comes about to call Hegel's disciples of "Bruno" and "St. Marx Stiner" to the extreme ideology idealist Hegelian, ie intellectual, mental and psychological basis as well as close to the metaphysical, than the practical that and Extreme Left Socialist waiting (The Left Hegelian after Hegel's death in 1831 becomes a kind of ideology Official German. The essence was the modern state embodied the ideas Morais of Reason in the social sphere. Theory supported by the Prussian State). According to him, In Marxist-Communist society the individual has the right qualification in any field, according to the awakening of interest. In industrial capitalist society man is bound to do what the bosses want, the way they wish, without often able to express their opinions about the work. Thus, capitalism destroys the man's identity, the main capacity, the largest of Freedoms. The Right of Thinking. Let us introduce the clash between these two ideologies that have their cultural and political differences in theoretical views, philosophical and practical. Made by these two historical figures, within the context of his time. In closing confront the two lefts.

O Catecismo Revolucionário de Mikhail Bakunin.

O Autor da Obra Catecismo Revolucionário é Mikhail Bakunin, “O Pai do Anarquismo”. A responsável pelos dados cronológicos da obra é Natalia Mikhailovna Pirumova (1823-1997). É um dos maiores Historiadoras do anarquista Russo e do Movimento Socialista, autor de vários livros de Bakunin, Kropotkin e Herzen. O nome completo do “Pai Do Anarquismo” é Mikhail Alexanvitch Bakunin. Bakunin nasce em Premukhino, no distrito de Novotorjok, de Tver, no dia 18 de Maio de 1814. A partir de 1828 passou a Estudar na Escola de Artilharia de São Petersburgo, serve como Tenente nos governos de Minsk e de Grodno. Sendo um dos maiores Políticos Russos e um dos principais Exponentes do Anarquismo em meados do século XIX.

O Catecismo Revolucionário foi Escrito entre 1866-67, quando Bakunin residia em Nápoles, segundo Fritz Brupbacher. Para Jean Barrúe é o Notista da edição da Obra a ser estudada, Bakunin escolhe Nápoles, por ter Intelectuais desclassificados de desempregados e um Proletariado em miséria, ou seja, para Bakunin era a Coluna estrutural de Revolução. Segundo Fritz Brupbacher (Nascido em 30 de Junho de 1874 em Zurique. Morreu em 1º de Janeiro de 1945 em Zurique. Profissões exercidas: Médico, Socialista Libertário e Escritor), Bakunin velozmente assenta-se com Radicais e funda a “Aliança da Democracia Social”. Já para Marx Nettleau é a batizada de “Fraternidade Internacional”. No mesmo Período é fundada outra Instituição “Associação Internacional dos Trabalhadores”, que para Marx Nettleau essa Instituição é arvorada na ideia da consciência de Classe e de um Proletariado Evoluído.

A Sociedade Internacional Revolucionária de Bakunin tinha por alvo, “A Vitória da Revolução no Mundo”, e o seu principal desdobramento era o aniquilamento de toda “Instituição” que tocasse na Liberdade, na Razão, na Justiça e no Trabalho. Havia para Bakunin uma necessidade de reestruturação em toda a Sociedade que não tivesse neste molde. A essência dessa Sociedade estaria na Vitória da Revolução no Mundo. No Catecismo Revolucionário, Bakunin “nega e existência de um Deus Real, extramundial, pessoal” (BAKUNIN, 1866, 18 p.). Assim, finda toda a Revelação Cristã e Intervencionismo Divino. Ao mesmo tempo, o Culto a Deus é suplantado pelo “respeito e amor á humanidade”. O Padrão de verdade que por muito tempo foi a Verdade Cristã, agora se restringe a criteriosa “Razão Humana”. A Justiça tem por diretriz a Consciência Humana. O Criador da Ordem da Humanidade se chama: Liberdade Individual e Coletiva.

A Liberdade é um Direito Universal e absoluto de todos os gêneros, desde que sejam adultos. Para Bakunin, um homem sendo escravo corresponde à negação de liberdade para a Humanidade, e se choca com suas próprias Leis. No ideal de Sociedade Revolucionária Internacional não existe a “Escravidão”. A liberdade Universal é realmente a Justiça. A Liberdade,

não é restrita as ideias. Ela se transporta a prática se tornando um “Código de Honda da Sociedade”. O seu pertencente tem por obrigação moral respeitar a Liberdade do outro, e legitimidade o serviço, o Amor e a ajuda. Bakunin expõe no Catecismo Revolucionário de maneira bem clara, que o “Estado” ideal Revolucionário é “Laico”, de base na Razão, e o Estado não tem Autoridade sobre o homem. A Liberdade por si só geraria uma Ordem na Sociedade. Todas as Organizações, “de Baixo para cima e da circunferência para o centro.” (BAKUNIN, 1866, 20 p.). Para ele os Órgãos Políticos, devem ser Modelos Internacional Revolucionária a práticas Igualitárias. O Pai do Anarquismo tinha algumas condições para que a Sociedade Internacional Revolucionária surgisse:

Um Estado Laico. Na Sociedade Internacional Revolucionária, o Estado não tinha uma Religião oficial, cada indivíduo tem o Direito de erguer o “Seu Deus”, segundo a sua Liberdade. A Igreja sem qualquer tipo de privilégios ou honrarias. A Educação Laica. O fim do Antigo Regime e seus valores malditos, desiguais, covardes. Superado por uma República Igualitária da Sociedade Internacional Revolucionária. Mikhail Bakunin idealizava uma “Sociedade de Igualdade total”. O fim das Classes Sociais, que em fim só separa o homem do próprio homem. E as outras vinham como quer por efeito cascata. Os privilégios de sangue medievo, indiscutivelmente, não existiriam no Mundo Sociedade Internacional Revolucionária. Acresce-se o Sufrágio Universal dentre os Direitos Políticos. De acordo com Bakunin, o ideal de uma “Sociedade Internacional Revolucionária” passava pela dissolução de todas “Instituições Estatais”, que lembrasse o Antigo Regime dos Burocratas até Instituições Financeiras e outras. Os Funcionários Públicos seriam eleitos mediante ao “Sufrágio Universal”. O Direito ao voto, a todo Indivíduo que tenha completado a maior idade. A reestruturação dos Países teria por Pedra Angular, a Liberdade.

Quando o assunto são os Direitos Individuais o Catecismo Revolucionário é pragmático. Todo Indivíduo, desde o seu nascimento. Tem Direito a uma “Educação Social Universal”, isto é, seus Estudos custeados pela Sociedade até a completude da maior idade. O Estudo Primário, o Secundário, Universitário. E não somente os tradicionais, mas alcança os cursos Profissionalizantes, Artísticos e Científicos. A “Sociedade Internacional Revolucionária” dava apoio, ao Indivíduo no seu início de carreira. Entretanto, dár-se-lhe-ia a Liberdade na escolha profissional, e quando completava a maior idade, o “Estado” jamais teria poder ou influência sobre ele. Mas, simplesmente, defender de riscos, perigos, ataques físicos ou morais, A Liberdade. Era impreterivelmente, proibido Discursos Antiliberais. Para Bakunin, “a Liberdade só pode e só deve defender pela Liberdade” (Bakunin, 1866, 24 p.). A Liberdade era o parâmetro de si mesma, seria estupidez tentar extinguir a “Imoralidade Social” através duma “Legislação Tirana”, que

apoiar-se-ia à força da “Liberdade Individual”. Assim, a moralização da “Sociedade” ocorreria por meio da: “igualdade, da justiça, do trabalho, e de uma Educação Racional unicamente inspirada pelo respeito humano, devemos dar-lhe a opinião pública como proteção, e por alma, a Liberdade mais absoluta” (BAKUNIN, 1866, 26 p.).

Outra base “Sociedade Internacional Revolucionária” é o **trabalho**. O Indivíduo que não quisesse trabalhar, não lhe era focado fazê-lo, poderia sim viver de Caridade Pública ou Privada. Os seus Direitos Políticos lhe eram tirados. Começando a trabalhar lhe eram restituídos os Direitos. Nessa Sociedade idealizada por Bakunin era impensável, as penas de execução de Leis que ameaçasse a integridade física do Indivíduo, semelhantemente, as longas. Pois, o indivíduo deveria sempre ter o Direito a uma segunda chance. Pode acrescentar que a nenhum Indivíduo lhe era obrigado ao cumprimento de uma pena, e nem tão pouco concordasse com a mesma. Também era dado o Direito de extirpá-lo do seu meio, e nenhum poderia empregá-lo como Escravo.

O Direito as Associações, ou seja, Cooperativas Operárias. É um fato Histórico: “elas assumirão, e as novas condições políticas e sociais que delas surgirão no futuro..., elas deem uma nova Constituição à sociedade humana inteira” (BAKUNIN, 1866, 29 p.). Contudo, as Associações perniciosas, ser-lhe-iam tirados todos os Direitos de segurança conferidos pela “Sociedade Internacional Revolucionária”. No Catecismo Revolucionário, os Países são organizados geograficamente em Cidades Emancipadas, de tradições históricas e independentes. Erguidos sobre a Liberdade, com duas condições organizacionais: “de baixo para cima” (BAKUNIN, 1866, 31 p.) e a outra: “que haja entre a Comuna e o “Estado” ao menos um intermediário Autônomo” (BAKUNIN, 1866, 31 p.). A Organização totalmente Autônoma, seus administradores eleitos mediante ao sufrágio universal. Existiria uma espécie de Federação das Cidades Emancipadas, que é chamada de “Província”, e as Províncias Unidas, a Nação.

Bakunin no seu Catecismo Revolucionário idealiza uma Federação Internacional. Composta pelas Nações que das dos seus ideais, que futuramente daria origem a “Federação Universal dos Povos”. Bakunin constata que, “sem igualdade política não há Liberdade Política real” (BAKUNIN, 1866, 41 p.). Mesmo, que as diferentes forças e intelectos resultem, na Universalidade produtiva da riqueza humana. A Igualdade é opositora do Direito de Sucessão, e marcha contra o fim do Direito de Herança. Pois, o receptor duma herdade é apenas um “privilegiado”. Não vence a Liberdade. O Direito da sucessão estrutura uma base sólida para as gerações do por vir. Sem dúvida, apazigua os corações dos Pais. Mas, constrói uma desigualdade eterna. “O trabalho sendo o único produtor de riqueza” (BAKUNIN, 1866, 45 p.).

Para Bakunin, o trabalho desde a Antiguidade tem o significado de “desonra”. A Religião Cristã faz nascer uma Nova Desigualdade, devido a Graça e a Eleição Divina. O sepultamento do

“ócio” só ocorre na Revolução Francesa em 1789, e ao mesmo tempo o trabalho é Libertado, todavia, é aviltado. É importante dizer que, houve uma classificação e desqualificação: O trabalho bom é o intelectual, o ruim é o manual. Sendo oriundo disso, uma nova divisão: “a minoria privilegiada doravante não pela lei, mas pelo capital, e a minoria dos trabalhadores forçados, não mais pelo direito iníquo do privilégio legal, mas pela fome” (BAKUNIN, 1866, 48 p.). No Catecismo Revolucionário, Bakunin expõe que nessa “Sociedade” as maiores violações e assaltos, quem sofre é a Classe Social Inferior.

Trabalha para os outros, e seu trabalho privado de Liberdade, lazer e inteligência (...), forçados pela fome, desde sua infância, a ganhar á vida, deve vender sua força física, seu trabalho, nas mais duras condições, sem ter nem o pensamento, nem a faculdade material de exigir outras (BAKUNIN, 1866, 50-51 p.).

Bakunin associa o trabalho inteligente ao trabalho livre. O fim imediato e indiscutível da Escravidão, sem recarcimento ou coisa semelhante às pessoas proprietárias. O próprio trabalho humano e a sua Emancipação acarretará por si só na moralização do Mundo. Casamento na Sociedade Revolucionária, não era tradicional como no Antigo Regime Europeu. O Casamento Religioso e Civil é baseado na Liberdade. Aos de maior idade, quando bem o quisesse poderia “se unir ou separar-se segundo sua vontade” (BAKUNIN, 1866, 55 p.). As Gestantes são cuidadas pela “Sociedade Internacional Revolucionária”. “Os Pais são os Tutores Naturais” (BAKUNIN, 1866, 56-57 p.), responsáveis pelos filhos, “mas tutor supremo não é a Sociedade” (BAKUNIN, 1866, 56 p.) e sim, a Liberdade. A Educação Laica Racionalizada. A origem da Liberdade está no “respeito humano”, conseqüentemente, com uma Organização Social de base na Educação Laica Racionalizada frutificaria em uma “Opinião Pública Moralizada”. Os Inválidos são sustentados pela Sociedade. O ponto a seguir é o “Programa da Sociedade da Revolução Internacional” de Bakunin, é um Programa Socialista, é a Teoria do Catecismo Revolucionário. Baseado em uma: Educação Laica e Universal, não haveria tutela manipuladora da inteligência Humana, só mediante a naturalidade que os Intelectuais fazem sobre o homem comum, “a Educação, a instrução e a organização da sociedade segundo a liberdade e a justiça devem substituir toda *a punição*.” (BAKUNIN, 1866, 71 p.). Não existia a ideia de “exclusão”. Esse programa Socialista tinha alguns pontos irretocáveis: como Igualdade Política, o fim dos Direitos de Herdades, a Educação garantida pela Sociedade, a Educação Laica, as Crianças como os filhos da Liberdade Futura.

A Ideologia Alemã de Marx.

A Ideologia Alemã de Karl Marx é uma crítica irônica e ferrenha, que chega ponto de chamar os discípulos de Hegel de “São Bruno” e “São Marx Stiner” (p. 44), ao extremo a Ideologia Idealista Hegeliana, ou seja, de base intelectual, mental e psicológica bem mais próximo do Metafísico, do que o prático que a Extrema Esquerda Socialista espera (A Esquerda Hegeliana após a morte de Hegel em 1831 vira uma espécie de Ideologia Oficial Alemã. A essência era o Estado Moderno encarnava as Ideias Morais da Razão no âmbito social. Teoria apoiada pelo Estado Prussiano).

Daí a crítica tão extremista de Karl Marx e Engels. Acresce o contexto da Alemanha num contexto industrial a todo o vapor. A Ideologia Alemã aponta contra a Religião sendo usada para iludir o homem, contra a Religião sendo usada como opressora e Capitalista e o que faz dentro do homem, critica o modo de produção Capitalista alemão. Se rememorarmos bem, vemos que Marx foi discípulo de Hegel, um homem da Extrema Esquerda Radical, sem dúvida um dos mais importantes Intelectuais do seu tempo, Etnógrafo, mas também condecorado por muitos, um Filósofo “brilhante”, o que mudou o olhar do Mundo a respeito do Capitalismo, um dos homens que dividiu o tempo em que viveu, a tal ponto que é um dos mais notáveis dos discípulos de Hegel. Os discípulos de Hegel são chamados de Jovens Hegelianos são: Karl Marx, Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Marx Stiner. Karl Marx sai desse grupo e direcionam-se aos tais duras críticas que parte delas se encontra na obra a ser estudada. Escrita por volta de 1845-46. Friedrich Engels é um dos Pais do Socialismo Científico, e um grande influenciador e amigo de Marx, alguns Historiadores vão dizer que a obra: “Anais Franco-Alemães” (uma crítica da Economia Política), de Engels que transforma o pensamento de Marx.

Para Marx e Engels, O Capitalismo é Escravocrata. Devido à diferença que se mantém entre o Patrão e o empregado. Nunca haverá igualdade. Marx também vê assim por esse paradigma por suas convicções de Extrema Esquerda. O Capitalismo é desumano, a tal ponto de não dar ao homem a Liberdade, que lhe é natural. Toda a sua renda depende do patrão é tirado do homem os meios de produção, o trabalho infantil de 12 horas, pessoas morrendo em minas de tanto trabalhar, os mutilados pelas máquinas. É isso que Marx critica e abomina. É a nuvem negra de destruição que o Capitalismo deixa por onde ele passa. Na Sociedade Pré-Industrial, o homem domina os meios de produção, a enxada, o tear, controla o ritmo do trabalho, não existia tanta divisão na produção, a produção era de subsistência, o homem controlava a produção e a natureza controlava o tempo. Por isso, Karl Marx e Engels atacam ao Idealismo que é algo tão teórico e ele almeja as coisas práticas. A Libertação não pode ser pensada, e sim, proporcionada à medida que

desconstrói as condições históricas de uma maneira paradoxal, ao que o efeito que o Capitalismo fez com a Libertação natural do Homem.

Não é possível libertar os homens enquanto estes forem incapazes de obter alimentação e bebidas, habitação e vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. A libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento, e é ocasionada por condições históricas, pelas condições da indústria, do comércio, da agricultura, do intercâmbio [...] (MARX ENGELS, 1845-46, 29 p.).

Marx e Engels criticam Feuerbach por insensibilidade com o real, à visão Idealista tira os pés do chão, do palpável, do empírico, do humano. E distancia para Teorias que nada vai resolver, principalmente, o tocante entregar novamente a Liberdade que foi tirada do homem. É tão pragmático, que chega a dizer que na Alemanha não há o profundo desenvolvimento histórico, que é substituído por meras atividades intelectuais sem direção. Marx faz crítica ao distanciamento do sensível, isto é, sem percepção do real. A “Concepção Feuerbachiana do Mundo Sensível”:

Ele não vê como o Mundo sensível que o rodeia não é uma coisa dada imediatamente por toda a eternidade e sempre igual a si mesma, mas o produto da Indústria e do estado de coisas da Sociedade, e isso precisamente no sentido de que é um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, que, cada uma delas sobre os ombros da precedente, desenvolveu sua indústria e seu comércio e modificaram sua ordem social de acordo com as necessidades alteradas. (MARX ENGELS, 1845-46, 30 p.).

A Alemanha vivia uma explosão crescente na sua Indústria no século XIX, para Marx a questão era saber a custa de quê? E de quem? Para que todo esse desenvolvimento tecnológico acontecesse. Os “Patrões-Urubus” anseiam pela morte das “Proletárias-carniças” que mais cedo ou mais tarde seriam devoradas até a morte pelos Escravocratas do Capitalismo, que sem pressa os exploram vivos. O que não sofrerão mortos? Marx critica os modos de Produção Capitalista.

A Indústria e o comércio, a produção e o intercâmbio das necessidades vitais condicionam. Por seu lado, a distribuição, a estrutura diferente classes sociais e são, por sua vez, condicionadas por elas no modo de seu funcionamento – e é por isso que Feuerbach, em Manchester, por exemplo, vê apenas fábricas e máquinas onde cem anos atrás se viam apenas rodas de fiar e teares manuais, ou que ele descobre apenas pastagens e pântanos na *Campgnadi Roma*, onde na época de Augusto não teria encontrado nada menos do que as vinhas e as propriedades rurais dos capitalistas romanos. Feuerbach fala especialmente do ponto de vista da Ciência Natural... (MARX ENGELS, 1845-46, 31 p.)

No Ponto de vista de Marx, o Idealismo Hegeliano de Ludwig Feuerbach não enxergar as condições sociais de cada Classe ou até do Indivíduo. E Que o Capitalismo trona-se destrutivo pela falta de visão do homem com o próprio homem. Onde as necessidades básicas de sobrevivências são esquecidas, em nome do lucro as condições de trabalho, é repugnante, são deploráveis em nome do Capitalismo que faz destruir o próprio homem. Ainda que Marx, por ser de Extrema Esquerda idealize a uma “Ditadura do Proletariado”, algo mais prático. A ausência do Básico põe em risco a vida, isto é o “fazer histórico”. Nos seus três pontos. O ato histórico inicial está “na produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a própria vida material” (MARX ENGELS, 1845-46, 33 p.). Uma base de estrutural para a história, que mantém o homem a vida humana, desde a Antiguidade. “A primeira coisa a fazer em qualquer concepção histórica é, portanto, observar esse fato fundamental em toda a sua significação e em todo o seu alcance e a ele fazer justiça” (MARX ENGELS, 1845-46, 33 p.).

O outro ponto é a “produção de novas necessidades”. Como num ciclo, o segundo estágio acontece após a satisfação do primeiro estágio que é o suprimento das necessidades básicas para a vida. Os Alemães não tem conteúdo histórico, e sim, “tempos pré-históricos” segundo, Karl Marx. Outra vertente importante do “Fazer histórico” chama-se Família, o ciclo de procriação, a vivência homem, mulher e filhos. Uma “Relação Social” que tem desdobramentos tão importantes no meio da Sociedade como um todo: na política, na religião, na economia, nos ciclos de intelectuais, dentre outros. Para Marx e Engels, isso só não ocorre na Alemanha. Portanto, os “Aspectos da vida social” devem ser vistos como “três momentos” distintos e que convivem simultaneamente, desde a mais remota história até os dias de hoje. O Capitalismo mudou a produção de vida, e esse reflexo atingi a relação natural e a relação social. Pois, a produção nos remete à cooperativa, onde vários indivíduos que se conhecem ou não em prol de uma determinada fase industrial. E assim, estão unidos por um meio social, que é à base do cooperativismo. Quando posto em prática vira “Força produtiva”. A adição destas forças dá condições para o “Estado Social”, “portanto, a História da Humanidade deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a História da Indústria e das trocas” (MARX ENGELS, 1845-46, 34 p.). Assim, Marx vê que a linguagem é um produto resultante da necessidade de relações interpessoais humanas e a consciência como um produto social cíclico que é eterno:

A Consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível *mais imediato* e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna conscientes; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza que,

inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante do qual se deixa impressionar como o gado (MARX ENGELS, 1845-46, 35 p.).

Na visão de Karl Marx e Engels a essência da divisão do trabalho entre trabalho material e espiritual (se trata de todo o trabalho que não é material). É o ponto de partida para despertá-lo da consciência da representação do real. E conseqüentemente, prepara-se para Emancipação do Mundo e passa a construir “teorias próprias puras incontáveis”. Quando ocorre a divisão do trabalho para Marx e Engels gera um a luta de forças antagônicas, entre cada desdobramento do material e do imaterial, que medem forças, que dependem deste das próprias forças opostas para sobreviver e existir. Algo bem complexo e dialético. Conseqüentemente a divisão do Trabalho gera contradições dentro do próprio seio familiar, e da própria Sociedade como um todos os interesses coexistem: individuais, coletivos, familiares e os sociais.

Mais precisamente, a distribuição *desigual*, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; portanto, está dada a propriedade, que já tem embrião, sua primeira forma, na família, ainda latente e rústica, é a primeira propriedade, que aqui, diga se de passagem, corresponde já à definição dos economistas modernos, segundo a qual a propriedade é o poder de dispor da força de trabalho alheia (MARX ENGELS, 1845-46, 36-37 p.).

Na Sociedade Marxista-Comunista o indivíduo tem o direito de qualificação em qualquer campo, segundo o despertar do seu interesse. Na Sociedade Capitalista industrial o homem está preso a fazer o que os Patrões querem, da maneira que eles desejam, sem muitas vezes poder expor suas opiniões sobre o trabalho. Assim, o Capitalismo destrói a identidade do homem, a principal capacidade, a maior das Liberdades. O Direito de Pensar. Para Marx e Engels, a história se resume numa sucessão de diferentes modos de produção, em diferentes épocas, por diferentes povos. Mas, alguns somente se modernizam, o paradigma principal é o “açúcar”. Como se houvesse grandes blocos históricos distintos separados. Uma espécie de História Informativa, onde se rompe um “Período” e se inicia o outro. Não existindo processos históricos. A divisão do trabalho extinguiu o isolamento dos primórdios dos povos. Outro fato é quando invenções que ganham as Nações. A História que era local-produtiva passa a fazer parte da História Mundial Industrial Capitalista. Temos vários exemplos: o açúcar, o café, o tabaco.

Originárias das Baixadas de Bengala ou do Sudeste Asiático, a manufatura do açúcar de cana alcançou Pérsia e dali foi lavada pelos conquistadores árabes à Costa Oriental do Mediterrâneo. Nos Reinos estabelecidos pelos cruzados na Palestina, nos séculos XII, XIII,

surgiram grandes propriedades notavelmente semelhantes às grandes lavouras que depois existiriam nas Américas, dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar. (SCHWARTZ, 1988, 21 p.).

A Ideia de História e da divisão do trabalho de Marx e Engels se constrói alguns resultados: primeiro, dentre as forças de produção “os intercâmbios” e os “forças de produção”. São malélicas, são destruidoras, e quem sofre mais com isso é a maioria da Sociedade, não havendo a não ser, a Revolução Extremista, nada de algo superficial, ao ponto de abalar o Sistema Capitalista de Produção, e à consciência das pessoas. Criando a “Consciência Comunista”. Em segundo lugar, as “forças de Produção”, que são o dinheiro e o maquinário. São meios de uma imperialidade, ou seja, de uma classe frente à outra, sem menor humanidade e algumas vezes trabalhando em condições escravocratas. Em terceiro o que muitas vezes ocorre é a troca de um modelo por outro. É como se desde a Antiguidade só houve mudança em suscetíveis modos de produção. Quarto, somente uma transformação dos homens gera uma Consciência Comunista, e esta uma Revolução.

A criação em massa dessa consciência comunista quanto para o êxito da própria causa fazse necessária uma transformação massiva dos homens, o que só se realizar por um movimento prático, por uma *revolução*; que a revolução, portanto, é necessária outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe *que derruba* detém o poder de desembaraçar-se a antiga imundície e de tornar capaz de uma nova fundação da sociedade (MARX ENGELS, 1845-46, 42 p.).

As Teorias Hegelianas, são irrealis, não são políticas, e sim “puras” ao extremo. A plenitude das Forças Revolucionárias está na sua representatividade. Agora, simbolizam toda a Sociedade marchando contra o poder oficial dominante. A vitória dos radicais é a vitória de todas as outras Classes, que não dominam e nem tão pouco concordam e nem participam com o Sistema.

Quando burguesia francesa derrubou a dominação da aristocracia, ela tornou possível a muitos proletários elevar-se acima do proletariado, mas isso apenas na medida em que se tornaram burgueses. Cada nova classe instaura sua dominação somente sobre uma base mais ampla do que a da classe que dominava até então, enquanto, posteriormente, a posição das classes não dominantes contra a classe então dominante torna-se cada vez mais aguda e profunda. (MARX ENGELS, 1845-46, 49 p.).

Para Marx e Engels, uma das consequências da divisão do trabalho é a dicotomia entre Campo e a Cidade. Um Antagonismo de forças perdura até os dias de hoje. Uma espécie de olhar antropológico industrial, que caminham dialeticamente: homem bárbaro contra homem civilizado,

Sociedade Tribal contra Sociedade-Estado. A Natureza Citadina traz consigo uma nova forma de administração, de política, de estrutura, que servisse como base para toda essa Sociedade Industrial se edificar.

Com a cidade surge, ao mesmo tempo, a necessidade da administração, da polícia, dos impostos etc. em uma palavra, a necessidade da organização comunitária e, desse modo, da política em geral. Aqui se mostra, pela primeira vez, a divisão de população em duas grandes classes, que se baseiam diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. A cidade é, de pronto, o fato da concentração da população, a saber, o isolamento e a solidão. A posição entre cidade e campo só pode existir no interior da propriedade privada. É a expressão mais crassa da subsunção do indivíduo à divisão do trabalho (MARX ENGELS, 1845-46, 52 p.).

Outra consequência da divisão do trabalho é abstração de produção e o comércio. Surge uma Classe singular, que é a Burguesia. Nasce também, uma diferenciação entre Cidades Históricas Tradicionais e as mais Modernas. Com a Classe que se ergue à frente do Comércio, surge uma comunicação via comércio pelas cidades. Estabelecendo laços econômicos e dependentes, troca de tecnologias, comércio de matéria prima, comércio de produtos. O que é local passa a não ser mais. Agora, o intercambio industrial global cumpre o papel de conservador das Forças de produção, já estabelecidas pela Indústria Capitalista. Assim, Marx e Engels, “a manufatura tronou-se, ao mesmo tempo, um refúgio dos camponeses contra as corporações que os excluía ou remuneravam mal” (MARX ENGELS, 1845-46, 56 p.). O homem do campo está preso ao Sistema Capitalista quando Ele perdeu domínio dos meios de produção, ou ele se adéqua ao Sistema ou Ele está fatalmente excluído do Sistema Capitalista. Condenado a cair na miséria, coisa que não acontecia na Sociedade pré-industrial. Homem do Campo tinha a dominação dos meios de produção, fazia seu tempo e ritmo de trabalho, dentre outras coisas que o Capitalismo lhe tirou. Chega ao fim nas cidades grandes a relação Patriarcal e a propriedade feudal, o que permanece é uma relação restritamente Capitalista em todos os sentidos. O Período das Grandes Navegações é um Capítulo a Parte na História do Comércio Europeu.

Os novos produtos importados desses lugares, especialmente as grandes quantidades de ouro e prata que entraram em circulação, alteraram totalmente a posição das classes umas em relação às outras e aplicaram um duro golpe na propriedade feudal da terra e nos trabalhadores, enquanto as expedições de aventureiros, a colonização e, sobretudo a expansão dos mercados até a formação de um mercado mundial – expansão que então, se tornara possível e realizava-se cada vez mais, dia após dia- despertaram uma nova fase do desenvolvimento histórico (MARX ENGELS, 1845-46, 57 p.).

As Grandes Navegações trazem consigo a Expansão Comercial, o homem europeu tendo suas primeiras experiências fora da Europa, com o homem não europeu, não Branco, não católico, não monoteísta, não monogâmico. A Grande Burguesia é criada do Comércio e da manufatura. Os mesmos impulsionam O Capital Móvel. A Pequena Burguesia restringia-se às Corporações, e elas se sobrepõem como nunca dantes visto nas cidades. Todavia, as Corporações não têm força suficiente para abater dois adversários tão fortes como a manufatura e o Comércio. A Maquinofatura estabelecida pela Inglaterra no século XVII, origina um Mercado Mundial, ainda que relativa. A exigência do Mercado gera uma nova exigência na produção.

Essa demanda, que crescera além dos limites das forças de produção, foi a força motriz que deu origem ao terceiro período da propriedade privada desde a Idade Média, criando a grande indústria – a utilização de forças elementares para fins industriais, a maquinaria e a mais desenvolvida divisão do trabalho (MARX ENGELS, 1845-46, 59-60 p.).

Segundo Karl Marx, o protecionismo foram algumas barreiras econômicas erguidas para impedir a liberdade comercial. O Capitalismo derruba as relações naturais, agora as relações são meramente Capitalistas ao extremo de ambos os lados, permanecendo nesse viés. Não havendo espaço para outro. O peso do Capitalismo é grande demais para o trabalhador carregar, e isso se aplica ao próprio trabalho em condições lastimáveis, de trabalho infantil ao escravo. Desde o seu surgimento a burguesia tem crescido como através do tempo, ela tem amadurecido. Nos Tempos Medievos ela teve de aprender a se livrar de todo um aparato Feudal que lhe sufocava. E venceu. Agora, com uma nova postura na Era Industrial é a grande Classe a ser batida, é o seu tempo de domínio, é o estabelecimento do Poder Burguês, suas ideias e política. Para Marx Engels a divisão do trabalho atinge as relações interpessoais. Não existiu outro jeito do ser humano desenvolver-se por completo que não seja pelo viés Comunitário, ainda que o indivíduo seja suprimido pelo coletivo. Em suma, somente a Classe Dominante desfruta da Verdadeira Liberdade, de maneira integral. “Na Comunidade real, os indivíduos obtêm simultaneamente sua Liberdade na e por meio de sua associação”. (MARX ENGELS, 1845-46, p.64). É bem notório que a desigualdade de uma Classe e de Indivíduo mora nas suas condições sociais, mesmo sendo de fachada. É consequência, da organização da Sociedade Burguesa. Para os autores Marx e Engels, o diferencial é o novo tipo de organização interpessoal que faz o Comunismo, coisa que nenhuma outra ideologia foi capaz de fazer com o homem e sua Sociedade. A Sociedade Capitalista traz consigo, de maneira bem própria a sua natureza a “propriedade privada” e o “trabalho”.

Bakunin contra Marx.

Tendo como base o pensamento de Bakunin (Catecismo Revolucionário) e Marx e Engels (Ideologia Alemã), é possível constatar a existência de pontos de aproximação e de distanciamento entre ambos. Na Ideologia Alemã Marx e Engels fazem uma crítica da concepção filosófica dos chamados “hegelianos de esquerda”, em especial ao filósofo Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stiner.

[...] embora pretendendo demonstrar críticos da sociedade da época e fiéis aos ideias modernos e iluministas, se mantêm, dentro do quadro conceitual da filosofia tradicional idealista e assim, na verdade, contribuem para preservar a estrutura social que condenam (MARCONDES, 2010, 235 p.).

Marx e Engels apresentam uma forte crítica aos “jovens hegelianos”, como sendo os produtores de uma ideologia alemã de cunho conservador, embora se autodenominarem teóricos revolucionários. Um dos grandes motivos para essa crítica aos hegelianos é porque na concepção marxista esses filósofos acreditavam que a transformação da sociedade se dava somente na dimensão do pensamento e não no plano da realidade concreta. Toda essa crítica ao idealismo de Hegel se inicia pela concepção hegeliana da história, entendida como uma sequência racional de acontecimentos, que se desenvolve segundo uma dialética interna. Hegel defendia a tese de que o sujeito da história não é o indivíduo, é o “espírito absoluto”, que no seu entendimento toma consciência de si mesmo no decurso da história. É devido a essa concepção de Hegel e dos hegelianos que o marxismo critica de maneira ferrenha a forma como eles interpretavam e concebiam a realidade, Marx acreditava que o modo de pensar dos homens é condicionado pela sua situação concreta.

Nesta perspectiva, o marxismo defendia a tese que a grande questão que impede os indivíduos de se realizarem plenamente como ser humano, não são as suas representações inadequada sobre o mundo, mas as condições de vida opressiva. Marx entendia que essa realidade só passaria por uma transformação quando houvesse uma mudança dessas condições materiais, quando isso acontecer o modo de pensar do homem também mudará.

Mikhail Bakunin, considerado uma das maiores figuras do anarquismo e um grande opositor do Marxismo, no que diz respeito ao seu caráter autoritário, Bakunin se mostrava de maneira contrária a aceitação das ideias de Marx, principalmente no que diz respeito à “ditadura do Proletariado”. O argumento utilizado por Bakunin demonstra a grande diferença entre o

anarquismo e o marxismo. Bakunin critica o conceito marxista de “ditadura do proletariado”, porque segundo ele “essa democracia dos trabalhadores”, possui uma estrutura que mantém o poder concentrado no estado até que se alcance uma passagem ao comunismo. Para Bakunin o estado deveria ser abolido porque todas as formas de governo poderiam ocasionar a opressão, por isso acreditava que as revoluções deveriam ser lideradas pelo povo e não pela Elite Dominante.

Bakunin afirmava que os marxistas, defendiam uma forma de “ditadura” que poderia criar certo desejo nas pessoas, no entanto, essa “ditadura do proletariado” poderia ocasionar numa forma de escravidão. Por isso sustentava a tese de que nenhuma ditadura poderia ter como finalidade última a sua auto-perpetuação, porque isso geraria uma escravidão para os homens. A liberdade genuína para Mikhail Bakunin, só poderia existir através da própria liberdade, isso implicaria dizer, que ela só era possível através de uma “revolução” universal, formada por pessoas e organização livre das multidões de trabalhadores de baixo para cima e não o seu inverso. Esse movimento revolucionário na concepção de Bakunin deveria necessariamente ser sustentado pelo camponês sem terra e pelos despossuídos de toda espécie.

Percebe-se que Mikhail é um profundo discordante das teorias marxistas, o principal ponto de tal discordância se dava por que Bakunin não aceitava a ideia de que o alcance de uma sociedade comunista se realizava mediante a manutenção de um Estado transitório. Por isso, defendia a abolição imediata do Estado, em “alguns” “momentos” acreditava que era necessário o uso da violência como uma alternativa de derrubar rapidamente o sistema existente, segundo ele, esse era a única maneira de dar à liberdade necessária a humanidade. Segundo ele, nem mesmo os partidos políticos poderiam ser vistos como sendo uma representação legal da liberdade de pensamento dos homens. Por isso defendia um mundo sem estado opressor, sem poderes onipotentes, onipresentes e oniscientes, para Bakunin o indivíduo era mais importante do que tudo isso.

Portanto, toda essa oposição do anarquismo às instituições possui como fonte inspiradora a ideia de que o ser humano precisa ser plenamente livre para o alcance concreto da sua liberdade. Na visão dos anarquistas toda instituição dotada de poderes impediria o alcance máximo da liberdade. Neste sentido é perceptível uma forte crítica ao Estado e a Igreja como sendo verdadeiros entraves para a realização de um mundo harmonioso regido por pessoas livres. Para o anarquismo, a liberdade humana tem como ponto de partida a própria “condição” humana e não de suas instituições. Somente a sociedade livre de todas as instituições que gera a escravidão do próprio homem poderia alcançar a sua liberdade, os indivíduos devem ocupar o lugar das regras dos líderes e governos. Para Bakunin essa ideia deveria inspirar e contagiar os trabalhadores pelo mundo.

Entretanto, Mikhail Bakunin, acreditava que a sociedade desprovida de Estado, seria possível pensar uma vida confortável para as pessoas, onde ninguém teria sua força de trabalho explorada em benefício de outro, com isso toda a violência e a miséria dariam lugar a um mundo mais humano e igualitário. Tanto os socialistas como os anarquistas acreditavam na necessidade da realização de um movimento revolucionário que combatesse as autoridades vigentes. Embora socialistas e anarquistas apresente esse ponto de concordância, eles também se diferem porque os anarquistas não acreditavam que uma “ditadura do proletariado” fosse de grande importância para que a sociedade comunista fosse genuinamente alcançada. Para eles essa substituição de um governo por outro, se configurava como um meio de fortalecimento de novas formas de repressão e desigualdade.

Em suma, quanto a Marx, primeiramente este era um democrata radical e após se tornou um comunista. A única modalidade de socialismo que Marx (e também Bakunin) conheceu foi a Comuna de Paris (1870-1871). Marx defendia a existência de uma vanguarda revolucionária que guiaria as massas no processo de transição ao Comunismo Utópico (essa transição foi chamada de "socialismo" como "ditadura" da classe operária). Bakunin por sua vez defendia a liberdade imediata como caminho para a própria liberdade, sem mediações autoritárias, essa liberdade seria atribuído na base do coletivo proletário, sem mediações vanguardistas. Isso implicaria na extinção da estrutura do Estado, o povo se organizaria em sindicatos e associações corporativas, a nível puramente social, não político ("a política é a arte de enganar os povos. Não se deixe levar pelos politiquês e sua demagogia lodosa. Não vote nunca mais", é a divisa libertária). Bakunin também defendia o confisco radical das heranças.

BIBLIOGRAFIA.

B. SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos. Engenhos e escravos na Sociedade Colonial(1550-835)*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.

BAKHUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário. Programa da Sociedade da Revolução Internacional (1866)*. Organização e tradução de: Plínio Augusto Coelho. São Paulo. Editora Imaginário, 2009.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARX, Karl e **ENGELS**, Friedrich. *A Ideologia Alemã (1845-46)*. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano.